



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR
Blumenau - SC - Brasil

TIPOMORFOLOGIA DE FAVELAS - UMA ABORDAGEM SOBRE ÁREAS DE TECIDO DE HABITAÇÃO INFORMAL NA ESTRUTURAÇÃO DO TERRITÓRIO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

FABIANA GENEROSO DE IZAGA (Programa de Pós-Graduação em Urbanismo P) - fabizaga@fau.ufrj.br
Professora Permanente no Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). PhD em Urbanismo, MSc em História, Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Coordena o Labor

RODRIGO D'ÁVILA (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo FAU) - rodrigo.almeida@fau.ufrj.br
Professor no Departamento de Projeto (DPA), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). MSc em Urbanismo (PROURB/UFRJ), Graduação em Arquitetura e Urbanismo (FAU-UFRJ)

PERÓLA VIEGAS BARBOSA (Programa de Pós-Graduação em Urbanismo P) - perola.barbosa@fau.ufrj.br
Mestranda em Urbanismo (PROURB), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduação em Arquitetura e Urbanismo (FAU-UFRJ)

GABRIELLE SALAMAN RODRIGUES (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo FAU) - gabrielle.rodrigues@fau.ufrj.br
Graduanda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista de Iniciação Científica.

TIPOMORFOLOGIA DE FAVELAS - uma abordagem sobre áreas de tecido de habitação informal na estruturação do território da Cidade do Rio de Janeiro

RESUMO

Por meio do mapeamento das comunidades da Área de Planejamento 3 (AP3), nosso estudo propõe uma matriz de análise das tipomorfologias das favelas da cidade do Rio de Janeiro, como forma de interpretação da estruturação do território carioca. A abordagem fundamenta-se nos estudos sobre a forma urbana da cidade contemporânea e as relações entre os processos de urbanização e a conformação do tecido urbano. São propostas quatro categorias de favelas tendo em conta sua relação com o tecido urbano formal: enclave, linha, malha e quadra. A sistematização busca evidenciar correlações entre as matrizes tipomorfológicas e a organização da dinâmica socioterritorial. Além disso, relaciona-se a concentração das favelas, seu tamanho e a renda média dos bairros onde estão localizadas, mostrando que favelas de maior porte se encontram em áreas mais pobres, menos valorizadas e com menor oferta de transporte público.

Palavras Chave: forma urbana, tipomorfologia, favela, Área de Planejamento 3, Rio de Janeiro.

ABSTRACT

Through the mapping of the communities in Planning Area 3 (PZ3), our study proposes a pattern of analysis of the morphological types of the favelas in the city of Rio de Janeiro. The approach is based on studies on urban form of the contemporary city and the relationships between urbanization processes and the conformation of the urban fabric. Four categories of favelas are proposed taking into account their relationship with the formal urban fabric: enclave, line, mesh and block. Systematization seeks to evidence correlations between typological matrices and the organization of socioterritorial dynamics. Furthermore, we can relate the concentration of favelas, its size and its relationships with the average income of the neighborhoods of PZ3, showing that the biggest favelas are located in the poorest, least valued areas, with a lower offer of public transportation.

Keywords: urban form, morphological type, favela, Planning Zone 3, Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

As favelas no Rio de Janeiro, onde mora mais de 22% da população carioca (IBGE, 2010), parecem estabelecer uma relação ambígua em meio à malha urbana da cidade formal, ao estarem ao mesmo tempo incrustadas e isoladas, próximas, mas também afastadas, integradas, porém segregadas na atual organização social do território. Com efeito, a dinâmica socioterritorial do Rio de Janeiro vem sendo interpretada em uma dupla ordem, uma na microescala, onde se aponta a proximidade espacial e a distância social, e outra na macroescala, com a concentração de camadas populares nas sucessivas periferias (RIBEIRO, 2015, p. 28).

Ao longo do tempo, alguns aspectos são em geral apontados como principais condicionantes que corroboram para essa leitura, que ora pendem de forma mais acentuada sobre um de forma destacada, ou pelo conjunto deles (VALADARES, 2006; ZALUAR & ALVITO, 2003). Em aproximadamente um século de existência, a favela é apontada pela sua condição de urbanização precária, más condições de habitabilidade e infraestrutura, à margem das leis urbanísticas; ao que se soma a evidência do seu espaço como expressão de uma segmentação social, onde camadas de baixa renda se instalaram em busca de proximidade às infraestruturas urbanas e emprego; e em anos mais recentes, como locais de vulnerabilidade e insegurança devido à forte presença e atuação de grupos criminosos, ligados ao narcotráfico e às milícias. Ao mesmo tempo, encontra-se nas favelas uma expressiva cultura, do samba e do funk, do associativismo e de nascedouro de lideranças, sendo por fim espaço onde ainda se evidenciam inúmeras desigualdades sociais.

Este artigo visa fornecer insumos para uma agenda urbana para as favelas do Rio de Janeiro, e busca sistematizar a estruturação do espaço urbano das favelas cariocas em tipos, que permitam um novo olhar sobre a relação delas com o território e a produção do espaço urbano e metropolitano. A abordagem fundamenta-se nos estudos sobre a forma urbana da cidade contemporânea, onde o entendimento da tipomorfologia se estabelece como matriz síntese das relações entre os processos de urbanização e a conformação do tecido urbano. A Área de Planejamento 3 (AP3), apresenta-se como referencial por identificar-se como área de urbanização consolidada e como primeiro vetor de expansão ao norte da área central e histórica da cidade, além de ser aquela que apresenta o maior número de favelas e população favelizada da cidade.

Na primeira parte do artigo apresentamos alguns estudos que abordam as bases de dados disponíveis sobre favelas, visando sua quantificação, caracterização e suas problemáticas. Na segunda parte, apresentamos a metodologia deduzida de pesquisa, fundamentada no mapeamento das tipomorfologias das favelas na AP3, no Rio de Janeiro. Na discussão, procedemos com análises que visam refletir sobre correlações entre as matrizes tipomorfológicas e a organização da dinâmica socioterritorial em sucessivas periferias. Entre as principais conclusões, identificamos que as categorias das tipomorfologias apresentam, em muitos casos, correspondências com a estrutura socioeconômica e com o “peso do território” (RIBEIRO e RIBEIRO, 2021), nas suas dimensões social, econômica, política e cultural, como fator explicativo das diferenças socioespaciais, incluindo-se a obtenção de ganhos financeiros e mercado de trabalho, na urbanização desigual. Por fim,

argumentamos sobre os desdobramentos e o alcance do trabalho para um planejamento do espaço urbano que melhor reconheça o espaço das favelas como parte integrante, e talvez mais dinâmica, da produção de moradia no espaço urbano da cidade contemporânea no Brasil, e em especial do Rio de Janeiro.

CARACTERIZAÇÃO DE FAVELAS E A ÁREA DE PLANEJAMENTO 3

Ao falarmos sobre a quantificação e caracterização de assentamentos precários, é consenso que as informações disponíveis sobre o tema são poucas (CARDOSO, 2016; FERREIRA, MARQUES, FUSARO, 2016; CAVALLIERI, OLIVEIRA, SALES, SANTOS, TAVARES, 2016); na maior parte do Brasil, os poucos dados disponíveis são levantados pelo IBGE, de 10 em 10 anos. Cavallieri, Oliveira, Sales, Santos e Tavares (2016) nos mostram que, apesar da cidade do Rio de Janeiro contar com os dados do Instituto Pereira Passos, complementando os dados do IBGE, permitindo “qualificar melhor as favelas em sua relação com a estrutura urbana” (CAVALLIERI, OLIVEIRA, SALES, SANTOS, TAVARES, 2016, p.412) esta não é a realidade das outras cidades do estado. Esta falta de dados compromete qualquer formulação de uma política de âmbito nacional (CARDOSO, 2016, p.29).

“...as favelas se distribuem de forma heterogênea e dispersa pelo município, tanto em áreas periféricas, onde predominam condições de precariedade, quanto nas áreas consolidadas, que concentram a população de renda média e alta e bens urbanos de maior qualidade” (CAVALLIERI, OLIVEIRA, SALES, SANTOS, TAVARES, 2016, p.437)

A Área de Planejamento 3 (AP3), mais conhecida como Zona Norte do Rio de Janeiro, corresponde a 16,6% do território municipal e abriga 40,2% da população residente no Rio de Janeiro (IBGE, 2010). Além de ser a área com maior contingente populacional carioca, corresponde também a quase metade de todos os moradores de favela do município (49,9%).

A área, também chamada de subúrbio da cidade do Rio, possui um histórico de ocupação marcada por vazios decorrentes da expansão territorial da cidade a partir do século XIX. A região, que começou a se estruturar a partir das primeiras ferrovias da cidade, é caracterizada por uma “descontinuidade do espaço edificado” (BERNARDES, 1987, p.85), uma vez que a ocupação do território se deu a partir das estações ferroviárias, criando núcleos edificados conectados apenas pela linha do trem, isolados no território.

A partir dessa primeira ocupação territorial, em planícies e sopés de morros, os bairros-subúrbios foram se consolidando e se expandindo, eventualmente se conectando através das planícies do território, conformando a zona suburbana atual (BERNARDES, 1987). Esse espraiamento de bairros-subúrbios pela Zona Norte da cidade criou espaços vazios que foram ocupados posteriormente, graças à expansão rodoviária. Eles compõem, em sua maioria, o conjunto de favelas da AP3: regiões de montanhas e baixadas pantanosas, como a baixada de Manguinhos, por exemplo:

“Lutando contra o fator distância, sem dispor de meios de transporte rápidos e confortáveis, os bairros têm dilatado lentamente seu espaço

urbano dentro das limitações impostas pela topografia.”
(BERNARDES, 1987, p.96)

Entre 1991 e 2000, as favelas apresentaram um crescimento maior na periferia da AP3, próxima à Baixada Fluminense, onde o território estava pouco ocupado (CAVALLIERI, OLIVEIRA, SALES, SANTOS, TAVARES, 2016, p.434). Houve também um crescimento de favelas em áreas consolidadas da Zona Norte da cidade, como em São Cristóvão e Inhaúma. Sendo assim, podemos inferir que existe uma relação entre a heterogeneidade de ocupação de favelas na AP3 e seu processo de ocupação territorial.

A pesquisa buscou analisar a relação entre as favelas da AP3 e o território de duas formas, uma na escala local e outra na macroescala: a primeira, consiste em uma análise entre a favela e a malha formal que a cerca, buscando entender como o espaço em que se insere influencia sua forma de ocupação do vazio, agora habitado, sistematizando-as em categorias tipomorfológicas; a segunda, estuda a relação entre a presença ou não de mais ou menos tipomorfologias em uma determinada porção do território, buscando, através das tipomorfologias criadas, interpretar a estruturação do território da AP3.

É necessário mencionar que o mapeamento das tipomorfologias não incluiu, neste primeiro momento, as favelas da AP3.7, que é composta por duas ilhas na Baía de Guanabara, a do Governador e a do Fundão, esta última fruto de aterros realizados para a instalação da Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Elas constituem-se elementos destacados da continuidade urbanizada do território, que se estende a partir do centro histórico e principal da cidade até o limite norte do limite administrativo do município do Rio de Janeiro, com aqueles da Baixada Fluminense. Compreendemos, desta forma, que esses espaços, por estarem apartados, são inicialmente prescindíveis na compreensão da lógica da relação do espaço da favela no contínuo urbanizado do território.

METODOLOGIA – CONSTRUÇÃO DE UMA MATRIZ DE ANÁLISE

A metodologia desenvolvida para o mapeamento das tipomorfologias das favelas busca articular os estudos sobre a forma urbana da cidade contemporânea, e seu entendimento por meio dos processos de urbanização e a conformação do tecido urbano no território, onde os vetores de acesso cumprem papel determinante. Foram mapeadas e analisadas a totalidade das favelas da AP3 (309 favelas, conforme delimitação do IPP), excluindo-se aquelas da AP3.7.

O processo de análise que fundamenta a metodologia baseia-se principalmente no auxílio de duas ferramentas: o Sabren (Sistema de Assentamentos de Baixa Renda da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro), no qual se encontram todas as favelas identificadas com informações baseadas no censo de 2010; e o aplicativo “Google Earth”, que é utilizado para uma análise mais aproximada das favelas no território.

O processo de identificação, pesquisa e sistematização das favelas foi organizado em três etapas: i- Pesquisa cartográfica sobre as favelas; ii-

Identificação dos acessos às favelas e sua articulação com o tecido formal; iii- Análise da conformação da favela em relação à malha urbana do entorno.

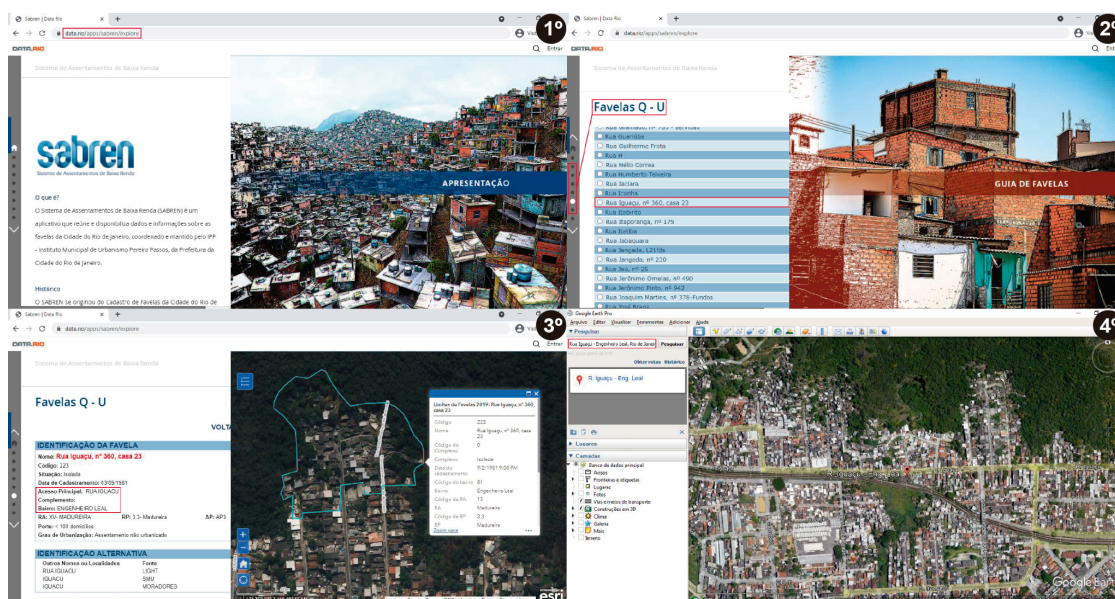


Figura 1 - Etapas de pesquisa. Fonte: Sabren, 2021.

Etapa A - Pesquisa cartográfica sobre as favelas

1º Passo: Acessar o site <https://www.data.rio/apps/sabren/explore> ;

2º Passo: Acessar o catálogo de favelas, organizados em ordem alfabética, para localizar a favela desejada;

3º Passo: Ao selecionar a favela, serão mostradas suas informações, nas quais é importante destacar: **Acesso principal, Complemento, Bairro**. Ao analisar as informações das favelas e sua imagem aérea, é importante que se faça um reconhecimento do entorno com o intuito de situar a favela no bairro e na cidade;

Etapa B - Identificação dos acessos às favelas e sua articulação com o tecido formal

4º Passo: Com as informações encontradas no Sabren (**Acesso principal, Complemento, Bairro**), a pesquisa segue para a plataforma “Google Earth”, onde é colocado o endereço do acesso principal da favela, juntamente com o complemento e o bairro;

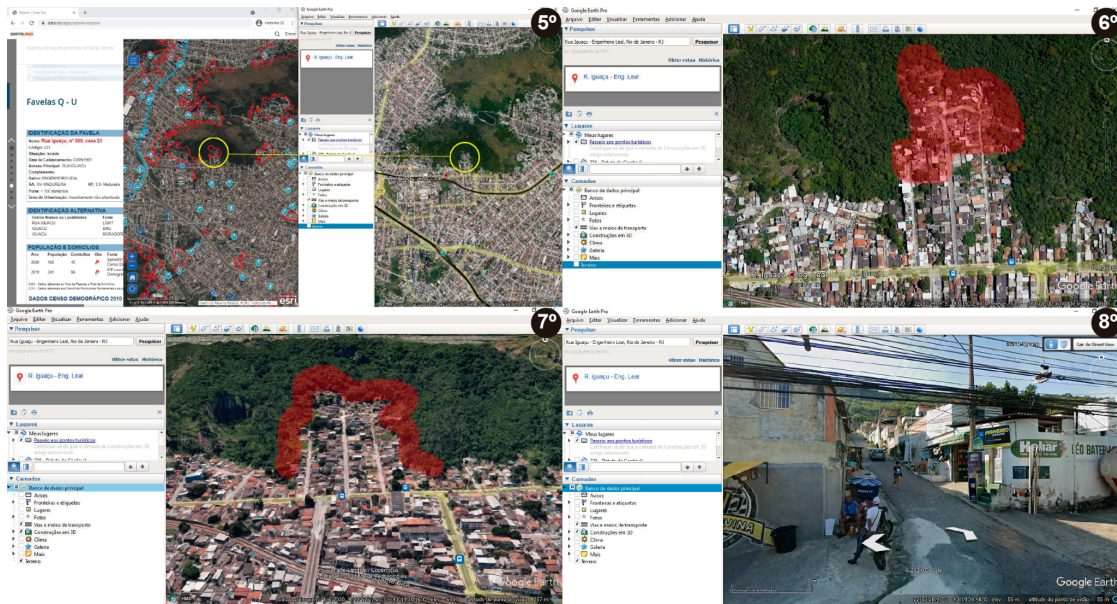


Figura 2 - Etapas de pesquisa. Fonte: Google Earth, 2021.

5º Passo: Na maioria dos casos, o acesso principal não possui um complemento, dificultando a localização da favela, já que alguns logradouros são vias de grande extensão. Neste momento é importante que se compare as imagens do Sabren e do “Google Earth” para identificar a localização exata da favela;

6º Passo: Identificando a favela no “Google Earth”, é possível reduzir a escala e entender melhor sua configuração e relação com o entorno;

7º Passo: Em muitos casos é necessária uma análise em 3D para entender questões de relevo e como a favela se assenta no território;

8º Passo: Em outros casos faz-se necessário uma análise ao nível do observador, para identificar informações que ficaram insuficientes pela imagem satélite ou 3D, ou para analisar mais a fundo os acessos à favela, já que também podem influenciar em sua categorização.

Etapa C- Análise da conformação da favela em relação à malha urbana do entorno

Após a identificação da favela no espaço, dá-se início à análise. A discussão se desenvolve a partir de hipóteses de conformação e evolução urbana da favela no território, buscando identificar fatores geradores de crescimento urbano, organizadores e ou condicionantes da sua urbanização. A recorrência de determinada organização da favela no território, sua frequência, e aspectos associados, determinam a proposição de uma tipomorfologia.

Em um segundo momento, se desenvolve uma discussão mais comparativa, aprofundada e cautelosa, com o intuito de entender as divergências e convergências de determinadas favelas em relação a outras favelas já categorizadas. Este ponto da análise pode levar a uma revisão das favelas já analisadas, assim como à revisão dos critérios adotados para a definição das tipomorfologias, podendo levar inclusive, à criação de novos princípios que fundamentam as tipomorfologias. O debate ocorre concomitantemente à

sistematização das favelas, onde busca-se a estabilização e consolidação das tipomorfologias como categorias representativas de espaços complexos como as favelas. É importante mencionar que algumas favelas – em função de possuírem organização assentada em múltiplas lógicas – ficam sob constante revisão no que tange a seu pertencimento a uma determinada categoria, uma vez que a pesquisa, que abrange a totalidade de favelas do Rio de Janeiro, está ainda em desenvolvimento.

CATEGORIAS DE ANÁLISE OU TIPOMORFOLOGIAS

A *análise tipológica* (PANERAI, 2006, p.115) foi feita a partir de uma leitura dos conjuntos que compõem o tecido urbano – as redes de vias, os parcelamentos fundiários e as edificações -, identificando a lógica de crescimento e ocupação territorial das favelas da Área de Planejamento 3 da cidade do Rio de Janeiro.

A partir disso, foi possível sistematizá-las e criar categorias que nos permitam ler de outra forma as relações territoriais entre as favelas da AP3 e o restante da região. Foram cunhadas, ao todo, quatro categorias: Enclave, Linha, Quadra e Malha. Cada tipomorfologia foi criada a partir do agrupamento de características percebidas nas favelas da AP3, e ilustradas através de *exemplos-tipo* (PANERAI, 2006, p.135).

Enclave

“Geralmente espaço ou lugar pouco acessível ou isolado, e, com maior precisão, território ou fragmento de um território incluído em outro de maior extensão com diferentes características políticas, administrativas ou geográficas.” (ZOIDO et. al., 2013, p.151)

A favela em enclave situa-se na borda do tecido urbano, apresentando $\frac{3}{4}$ de seu perímetro sem contato com a malha formal. Seus acessos se concentram na parte que está em contato com a malha formal, apresentando, geralmente, um acesso principal. São comumente situadas em aclives, rodeadas por vegetação ou no interior de uma quadra na malha formal. Como *exemplos-tipo* (PANERAI, 2006, p.135) da favela em enclave na AP3 do Rio de Janeiro, temos dois *exemplos-tipo* (PANERAI, 2006, p.135) de favelas em enclave localizadas em aclive e um localizado no interior de uma quadra formal (Fig. 3):

A favela Rua Iguazu, nº 360, casa 23, localizada em Cavalcanti, com 99 domicílios. Situada também em aclive, entre a malha formal e a vegetação do morro em um aclive, tem $\frac{3}{4}$ de seu perímetro rodeado por vegetação, sendo acessível pela Rua Iguazu;

A favela Rua Lemos de Brito, localizada em Quintino Bocaiúva, que tem 109 domicílios. Situada em aclive, entre a malha formal e a vegetação do morro em um aclive, tem $\frac{3}{4}$ de seu perímetro rodeada por vegetação, sendo acessível pelas ruas Lemos de Brito, Rua Maturi e Rua Utupeva;

A favela Rua Miguel Dibo, localizada no Irajá, que tem 161 domicílios. Situada no interior de uma quadra formal, em um aclive, tem $\frac{3}{4}$ de seu perímetro rodeada pelos fundos de lotes desta quadra, sendo acessível apenas pela Rua Doutor Miguel Dibo.

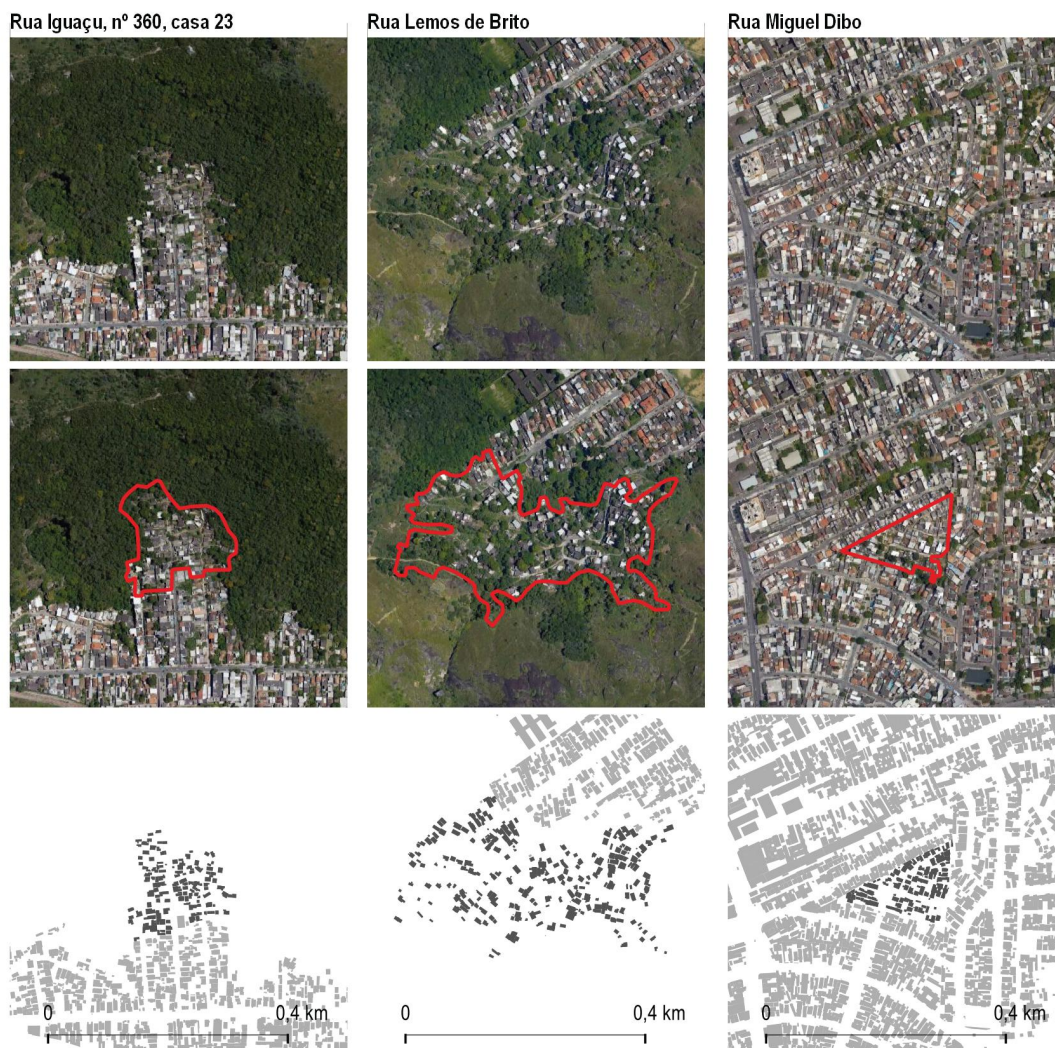


Figura 3 - Exemplos-tipo de favelas em enclave. Fonte: Autor, 2021.

Linha

“Fruto do percurso dos animais, dos homens e de suas caravanas, o caminho organiza o território desde tempos imemoriais (...) O caminho conduz de um ponto a outro, de uma cidade a outra, de uma região a outra, bem como dá acesso, de um lado e de outro a terrenos, campos, lotes, lugares habitados.

Aldeia rua-primitiva, essa primeira forma de ocupação urbana do território, continua a existir em nossos dias na expansão dos subúrbios, na pavimentação dos caminhos.” (PANERAI, 2006, pp.17-18)

A favela em linha tem como característica principal a existência de uma infraestrutura urbana que ordena seu crescimento, podendo ser um rio, um muro ou uma estrutura viária. Geralmente, situam-se nos terrenos adjacentes ou entre essas estruturas lineares que, por motivos de legislação urbanística ou decorrentes de modificações urbanas, estão vazias ou ociosas. Sua forma é retangular, linear, com os lados maiores bem definidos e alongados. Como

exemplos-tipo (PANERAI, 2006, p.135) da favela em linha na AP3 do Rio de Janeiro, temos (Fig. 4):

A favela B-1, localizada entre Del Castilho e Maria da Graça, com 25 domicílios. Situada entre o trem (ramal Belford Roxo), a linha 1 do metrô e o viaduto Engenheiro Alvarino José Fonseca, ela se estende ao longo da faixa livre entre os trilhos do trem e do metrô;

A Estrada Pedro Borges de Freitas, localizada no Irajá, com 52 domicílios. Situada nas margens de um rio, a favela tem apenas um acesso, pela Estrada Borges de Freitas, e se estende ao longo do rio, comprida entre o rio e o lote ao lado;

E a favela Parque Unidos, localizada no Parque Colúmbia, com 604 domicílios. Situada ao longo do rio e da Estrada Rio D'ouro, a favela não apresenta formato mais comum do *exemplo-tipo* (PANERAI, 2006, p.135). Apesar disso, é uma favela em linha por ter esses dois eixos (o rio e a via) ordenando seu crescimento; como não são paralelos como no caso da Favela B-1, seu formato não se assemelha ao de um retângulo mais linear.

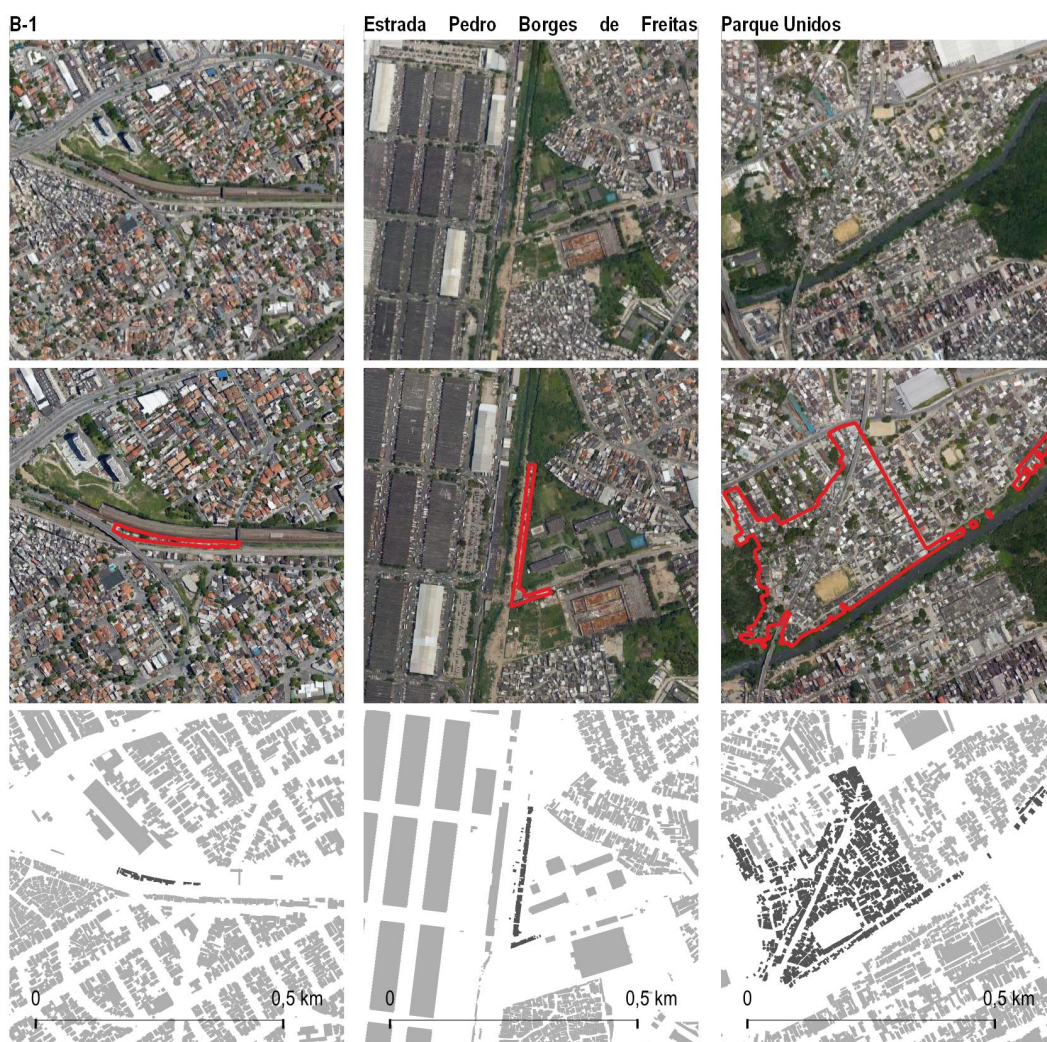


Figura 4 - Exemplos-tipo de favelas em linha. Fonte: Autor, 2021.

Quadra

“Espaço urbano, delimitado por ruas e urbanizado, destinado à edificação ou a ser um espaço livre urbano.” (ZOIDO et al, 2013, p.224)

“Espaço frequentemente delimitado por ruas, em geral dividido em LOTES com acesso comum, constituindo um dos principais elementos da estrutura urbana. Sua forma depende do traçado do sistema viário e da topografia do terreno em que se encontra.” (ALBERNAZ, 1998, p.526)

A favela em quadra encontra-se dentro do invólucro da quadra na malha urbana formal, que é definida pelos eixos das vias. Ela pode existir como parte de uma quadra ou uma quadra completa inserida no conjunto de quadras da malha formal. Seu tamanho varia entre um fragmento da quadra até um conjunto de 3 quadras. Pode existir em uma quadra ou uma superquadra - cujos lados estão entre 280m (tamanho da superquadra de Brasília) e 680m (no maior caso encontrado na pesquisa, na Avenida Meriti 4.483, Trevo das Margaridas). Como *exemplos-tipo* (PANERAI, 2006, p.135) da favela em quadra na AP3 do Rio de Janeiro, temos (Fig. 5):

A favela Avenida Meriti, nº 4.483, localizada em Parada de Lucas, com 668 domicílios. Situada no interior de uma superquadra, com lados de 680m aproximadamente, a favela ocupa espaços vazios no interior da quadra, delimitada pelos lotes ocupados;

A favela Parque Félix Ferreira, localizada em Higienópolis, com 248 domicílios. Situada no interior de uma quadra, o acesso a favela se dá por dois lados: pela Rua Félix Ferreira e pela Rua Tenente Abel Cunha;

E a favela Rua Adalberto Tanajura, localizada em Anchieta, com 45 domicílios. Situada em uma quadra em meio a malha formal da cidade, possui acessos por todos os lados, compondo uma quadra no tecido urbano formal da cidade.

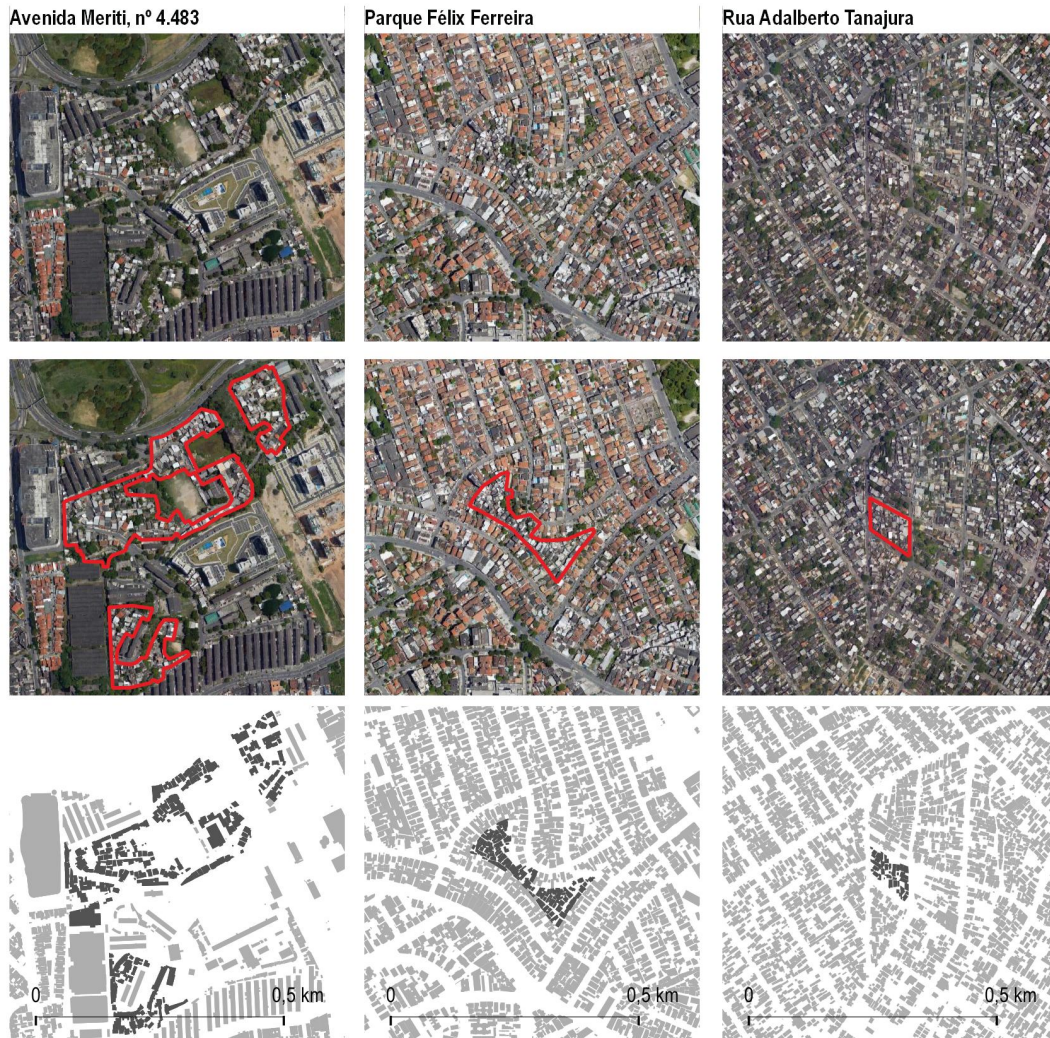


Figura 5 - Exemplos-tipo de favelas em quadra. Fonte: Autor, 2021.

Malha

“Nascida da necessidade de quadricular a terra para irrigá-la por igual, a geometria surge no Egito antigo; lá, ela regula também a forma das cidades traçadas, quadriculadas, regulares.” (PANERAI, 2006, p.19)

A favela em malha encontra-se na borda do tecido urbano, ora com traçado orgânico, ora com tecido regular. É composta por um conjunto de mais de três quadras, e muitas vezes mistura trechos planos e em aclives. Como *exemplos-tipo* (PANERAI, 2006, p.135) da favela em malha na AP3 do Rio de Janeiro, temos (Fig. 6):

A favela Centro Social Marcílio Dias, localizada na Penha, com 564 domicílios. Situada ao longo da Rua Nossa Senhora da Penha, a favela é composta por quatro quadras, no que se supõe ser um antigo espaço ocioso em meio aos galpões que a cercam;

O Morro do Juramento, localizado em Vicente de Carvalho, com 2.596 domicílios. Situada entre o morro e a cidade formal, a favela se estende ao longo do pé do morro, sendo acessível por quase todo seu perímetro;

A favela Vila São Jorge (RA - Irajá), localizada no Irajá, com 3.628 domicílios. Situada nos terrenos ociosos entre o CEASA e o cemitério de Irajá, a favela completa o tecido urbano da região.



Figura 6 - Exemplos-tipo de favelas em malha. Fonte: Autor, 2021.

DISCUSSÃO DAS TIPOMORFOLOGIAS DAS FAVELAS NA ÁREA DE PLANEJAMENTO 3

Com a finalidade de entender melhor o território urbano da AP3, cruzamos informações de rendimento nominal médio por bairro com a localização das favelas e suas categorias segundo seu tamanho. Estas categorias (IZAGA et al, 2019) definem que as favelas PPs possuem área inferior a 1.000 m² e menos de 50 domicílios, as favelas Ps possuem área entre 1.000m² e 10.000m² e entre

50 e 500 domicílios, as favelas Ms possuem área entre 10.000m² e 50.000m² e entre 500 e 1.000 domicílios, as favelas Gs possuem área entre 50.000m² e 100.000m² e entre 1.000 e 5.000 domicílios, as favelas GGs possuem área entre 100.000m² e 500.000m² e entre 5.000 e 15.000 domicílios, e as favelas GGGs possuem área superior a 500.000m² e mais de 15.000 domicílios.

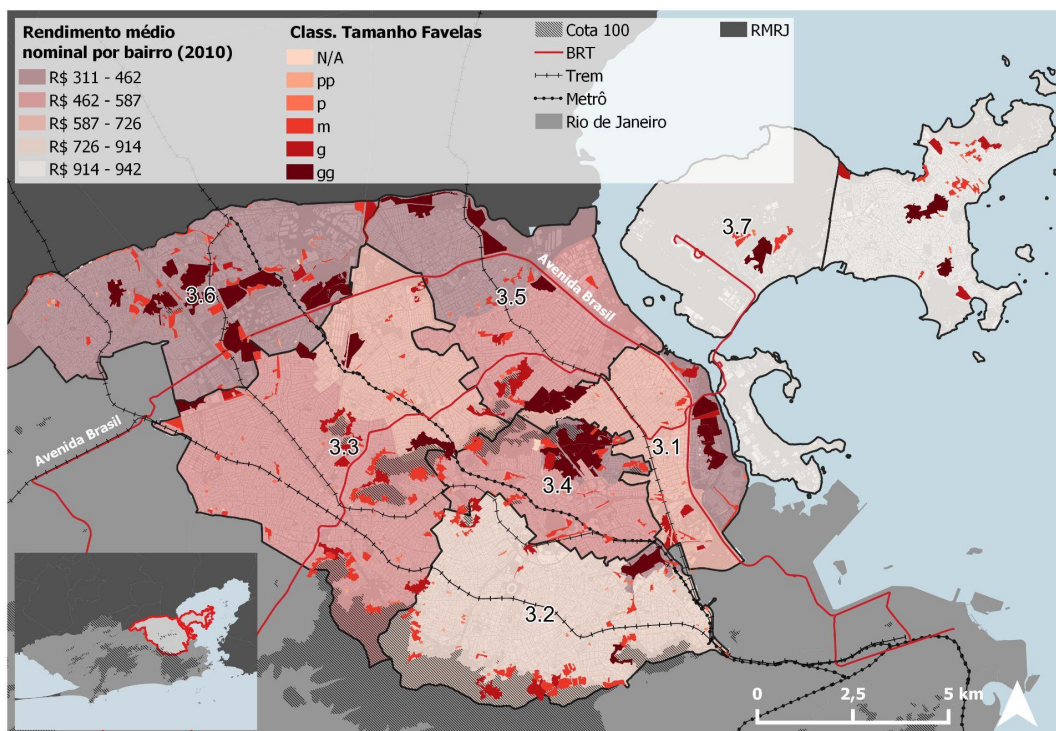


Figura 7 - Mapa sobre tamanho das favelas e renda média nominal por bairro. Fonte: Autor, 2021.

O mapa acima (Fig. 7) nos ilustra que a linha de BRT mais ao norte, que se sobrepõe ao traçado da Avenida Brasil, demarca uma zona de pobreza na AP3. Às margens da Baía de Guanabara e nos limites do município se concentram os bairros com menores índices de rendimento médio, onde se encontram as subáreas 3.5 e 3.6. Estas são as subáreas que mais apresentam favelas em malha proporcionalmente (mais de 40% do total), além de uma grande quantidade de favelas da categoria GG. Em contraponto, a região mais ao sul da AP3 apresenta os melhores índices de rendimento (excluindo-se a Ilha do Governador) além de uma maior oferta de transporte público (a AP3.2 por exemplo é a única subárea por onde passam todas as linhas de trem e metrô da AP3). Nesta e na AP3.4, destacam-se a localização de muitas favelas em enclave e em linha, que são em sua maioria categorizadas como P e M.

A AP3 insere-se no padrão geral de organização do território de núcleo e sucessivas periferias da metrópole do Rio de Janeiro. As localidades mais

próximas à área central da cidade, onde estão as maiores ofertas de transporte público e trabalho apresentam maior rendimento que as localidades mais distantes e periféricas. Mas isto não impede o desenvolvimento de favelas nas localidades mais ricas como “bolsões de pobreza”. Nas áreas mais periféricas da cidade “prevalecem os grupos sociais mais populares da estrutura social, embora haja diferenças entre as condições sociais da favela e da não favela, essas diferenças são muito reduzidas” (RIBEIRO, 2015, p. 187). Isso nos mostra que o modelo de centro e sucessivas periferias que estrutura o território carioca tem diferenças no seu padrão de organização social. Apesar disso, ele continua obedecendo à hierarquia socioespacial da metrópole e, mesmo apresentando essas diferenças de forma menos expressiva na periferia do município, continua seguindo o modelo de proximidade física e distância social entre as favelas e não-favelas, mostrando a concentração dos “espaços das camadas populares, segregadas por constrangimento” (RIBEIRO, 2015, p. 180).

Essas regiões ilustram também a polarização no que diz respeito à oferta de transporte e empregos na cidade do Rio; a periferia da cidade apresenta os bairros com maior déficit entre população em idade ativa e postos de trabalho, abrigando a população mais pobre, o que indica uma baixa proporção entre a população e postos de trabalho (CAVALLIERI et al, 2016, p.443).

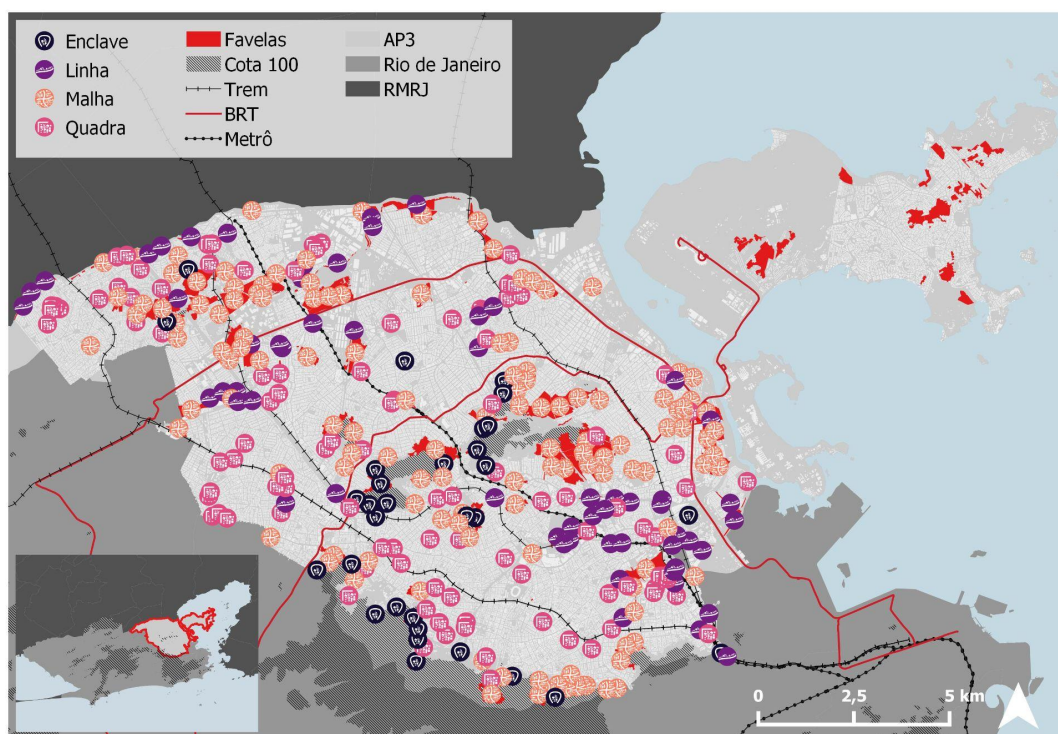


Figura 8 - Tipomorfologias de favelas e estruturação urbana da AP3. Fonte: Autor, 2021.

A partir de um olhar geral para a AP3, o que se observa é a grande quantidade de favelas em malha e em quadra, sendo 130 delas em malha (40% das favelas levantadas), e 103 delas em quadra (31,7%). Das outras 28,3% das favelas, 18,2% são de favelas em linha (59 favelas), e 10,1% são de favelas em enclave (32 favelas). As favelas em enclave se concentram nas bordas do maciço da Tijuca e dos outros morros do subúrbio. Como já dito anteriormente,

as favelas em enclave estão, em sua grande maioria, em áreas em aclave. Entende-se que, por isso, sua existência é predominante nas bordas dos maciços que não foram ocupados pela malha formal, que se expandiu pela Zona Norte a partir das planícies da região. Não obstante encontram-se em maior quantidade na AP3.2 (14 favelas em enclave) e AP3.3 (10 favelas em enclave), regiões que margeiam o maciço da Tijuca.

As favelas em linha se concentram ao longo das grandes infraestruturas de transporte, nos terrenos ociosos gerados a partir da implementação do trem, do metrô e de rodovias no território, concentrando-se em maior número na AP3.4 (12 favelas em linha).

As favelas em quadra se encontram em sua maioria na região entre a Avenida Brasil e o BRT Transcarioca, nos espaços ociosos da malha urbana plana já consolidada, como na AP3.3 (30 favelas em quadra). Estão espalhadas pelo território, são pequenas e pontuais.

As favelas em malha se encontram em toda a AP3, mas concentram um grande número ao norte da Avenida Brasil, uma região plana, que permite um espraiamento maior, na AP 3.6 (34 favelas em malha). A região era pouco ocupada, com grandes espaços vazios que puderam ser habitados e que são hoje grandes complexos de favelas. As maiores favelas encontradas na AP3 foram classificadas em sua maioria como malha, evidenciando os grandes vazios criados na expansão territorial da Zona Norte da cidade, ocupando-os.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se na AP3 uma padronização de tipomorfologia de favelas que acompanham o padrão núcleo e periferias sucessivas do Rio de Janeiro: favelas em malha, maiores e populosas estão mais frequentes em localidades com menor rendimento e distantes do centro. Favelas enclave e linha, de menor porte, são mais frequentes em localidades com maior renda e infraestrutura urbana, desenvolvendo-se em áreas de difícil acesso ou de vazios urbanos. Enxergamos uma relação entre as tipomorfologias e os processos de evolução das favelas na AP3: malhas são favelas que crescem em vazios urbanos e áreas não valorizadas, enquanto enclave e linha são favelas que crescem em locais adversos buscando oportunidades de renda e emprego. Já as favelas do tipo quadra não apresentam clara relação com os dados de renda, mas sim de acordo com a presença de elementos físicos de impacto no tecido urbano, como linhas de transporte e pequenas diferenças topográficas. Estas se localizam nas áreas tipicamente planas e onde os elementos físicos citados estão mais distantes entre si. São favelas que crescem em vazios urbanos não consolidados.

Este trabalho buscou mostrar um olhar sobre a cidade através da relação entre as tipomorfologias de favelas na AP3 e a estruturação do território. A sistematização em categorias auxilia a evidenciar como o tecido urbano formal e a geomorfologia local influenciam a ocupação territorial das favelas na cidade. Além disso, podemos relacionar a concentração de favelas, seu tamanho e suas relações com a renda média dos bairros da AP3, mostrando que as favelas de maior porte se encontram nas áreas mais pobres, menos valorizadas e com menor oferta de transporte público.

Este artigo visa contribuir para a análise e interpretação dos processos urbanos da cidade do Rio de Janeiro por meio da proposição de categorias tipomorfológicas das favelas cariocas, buscando assim, auxiliar na elaboração de políticas de planejamento urbano e habitacional e para a compreensão dos processos de estruturação do território. Nossa pesquisa tem como objeto de estudo todas as favelas do Rio de Janeiro, havendo já mapeado aproximadamente metade desse total (AP2 e AP3). Os próximos passos se dirigem no sentido de estender o mapeamento para as outras Áreas de Planejamento (AP1, AP4, AP5) da cidade. Desta forma, espera-se definir uma visão abrangente e consolidada das tipomorfologias de favelas em todo o território carioca, para uma maior compreensão dos processos de estruturação do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. *Dicionário ilustrado de Arquitetura: Volume II - J a Z*. São Paulo: Proeditores, 1998.

BERNARDES, Lysia M. C.; SOARES, Maria Therezinha de Segadas. *Rio de Janeiro: Cidade e região*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Doc. E Inf. Cultural, 1987.

CARDOSO, Adauto Lucio. Assentamentos precários no Brasil: Discutindo conceitos. (29-52). In: MORAIS, Maria da Piedade; KRAUSE Cleandro; NETO, Vicente Correia Lima. *Caracterização e Tipologia de Assentamentos Precários: Estudos de Caso Brasileiros*. Brasília: Ipea, 2016.

CAVALLIERI, Fernando; OLIVEIRA, Fabricio Leal de; SALES, Alba Valeria de Souza; SANTOS, Ana Claudia A.; TAVARES, Ricarda Lucilia Domingues (411-464). In: MORAIS, Maria da Piedade; KRAUSE Cleandro; NETO, Vicente Correia Lima. *Caracterização e Tipologia de Assentamentos Precários: Estudos de Caso Brasileiros*. Brasília: Ipea, 2016.

FERREIRA, Maria Paula; MARQUES, Eduardo Cesar Leão; FUSARO, Edgard Rodrigues. Assentamentos precários no Brasil: Uma metodologia para estimação e análise. (53-74). In: MORAIS, Maria da Piedade; KRAUSE Cleandro; NETO, Vicente Correia Lima. *Caracterização e Tipologia de Assentamentos Precários: Estudos de Caso Brasileiros*. Brasília: Ipea, 2016.

IZAGA, F. G; NETTO, J. G. R. A.; MAIA, J. M. B. XVIII ENANPUR - *Acessibilidade às favelas: Por uma agenda do direito à mobilidade urbana, análises nas bordas das comunidades na Área de Planejamento 2 no Rio de Janeiro*. In: XVIII ENANPUR 2019 - XVIII Encontro Nacional da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2019, Natal. Anais dos Trabalhos - XVIII ENANPUR 2019. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

PANERAI, Philippe. *Análise Urbana*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz(ed). *Rio de Janeiro: transformações na ordem urbana*. Rio de Janeiro: Letra Capital; Observatório das Metrópoles, 2015.

RIBEIRO, Marcelo Gomes; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Segregação socioespacial e desigualdades de renda da classe popular na metrópole do Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Eure*, v. 47, n.142, p. 27-48, 2021.

VALADARES, Licia. *La favela d'un siècle à l'autre*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2006.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

ZOIDO, Florencio; VEGA, Sofía de la; PIÑEIRO, Ángeles; MORALES, Guillermo; MAS, Rafael; LOIS, Rubén C.; GONZÁLEZ, Jesús. *Diccionario de urbanismo: geografía urbana y ordenación del territorio*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2013.